

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0027169

IBC

DO LAVRADOR PRÁTICO

N^o
22



CRIAÇÃO PRÁTICA DE MARRECO

A. DI PARAVICINI TÔRRES

F 636.597
T693c



LHORAMENTOS

B0027169

INTRODUÇÃO

A criação de marrecos, neste país, é ainda de muito pouca importância econômica. A ave é realmente bela e elegante, o que tem levado muita gente a criá-la como um ornamento. Muitas raças existem, algumas das quais já introduzidas no Brasil. Destas, duas apenas têm sido criadas com fito de lucro: a de Pequim e os Corredores Indianos, a primeira para corte e a segunda para ovos.

Provavelmente nenhuma raça de marreco pode hoje competir com a de Pequim como ave de açougue. Há, sem dúvida, outras boas raças, mas no conjunto das qualidades, nenhuma a sobrepuja.

Cresce rapidamente, dando, num tempo relativamente reduzido, uma excelente carcaça, com a qual se fazem finos pratos que honram as mesas mais exigentes. Põe uma avultada quantidade de ovos grandes de aparência agradável. Para satisfazer entretanto esses requisitos é mister que o marreco seja criado racionalmente, pois sem uma boa alimentação, cuidados higiênicos e outros bons tratos, não se podem esperar dêle essas boas qualidades.

Sua criação deve proporcionar lucro e é o que todos esperam. Quem não conhecer o negócio arrisca-se a não pequeno prejuízo. É pois conveniente que aqueles que pretendam criar marrecos estudem bem o assunto, não apenas sua biologia, mas a parte econômica também, a fim de estarem certos de não terem uma surpresa desagradável.

Não somos pessimista, mas estamos longe de ser otimista neste assunto. Queremos ser positivo. É inegável que o criador de marreco, sobretudo do de Pequim, obtém lucro. Se assim não fôsse não existiria criação importante e florescente em numerosos países; mas, observe-se, essas explorações são realizadas por pessoas que adquiriram conhecimentos através de estudo e da experiência de outros criadores.

Criando há alguns anos estas aves, embora não sejamos o que se possa chamar «autoridade» ou «especialista» no assunto, sentimos que já podemos orientar até certo ponto os neófitos, sobretudo porque nem tudo que se encontra na li-

ÍNDICE

Introdução	1
O Marreco de Pequim	3
O Marreco Corredor Indiano	5
Capital	5
Localização	8
Abrigos	10
Gramados	15
Como Iniciar uma Criação	16
Incubação	18
Criação dos Marrequinhos	22
Alimentação dos Marrequinhos	25
Regime dos Reprodutores	28
Seleção	30
Sacrifício para o Mercado	32

IMPRESA NACIONAL
Biblioteca de Peçote
272
~~16 12 54~~

F
636.597
T693C

teratura estrangeira, tão abusivamente reproduzida, é aqui aplicável.

Muito do que adiante exporemos não constitui exclusiva observação nossa, embora exista, aqui e ali, a modesta contribuição do autor.

Muitos preceitos firmados pela literatura têm base científica ou em experimentações, que, mesmo empíricas, merecem fé. Alguns problemas há obscuros, que embora aguardando investigações científicas, apresentam soluções que continuam aconselhadas pela tradição até que os pesquisadores descubram e apresentem melhores processos de trabalho.

Não se pode dizer que a criação de marrecos enriqueça. Entretanto poderá dar lucros bem razoáveis, dependendo do conhecimento técnico, do capital e do trabalho de seus empresários. Às vezes o indivíduo possui bastante dinheiro para empregar no negócio, mas não o tempo suficiente para administrá-lo pessoalmente, o que pode constituir a principal causa de fracasso na avicultura.

O dono da empresa deve tomar conta — preferivelmente de maneira muito ativa — nos trabalhos da granja. Deve ter conhecimento suficiente para notar a menor anormalidade e corrigi-la imediatamente para prevenir prejuízo de vulto. Manterá em dia uma escrituração bem organizada das receitas e despesas realizadas, a fim de eliminar as causas de dispêndios inúteis.

Bons lucros na criação de marrecos só podem ser conseguidos quando essas aves são criadas em grande número e um homem inexperiente jamais deverá iniciar uma criação de grandes proporções, pois é quase certo o fracasso e um grande prejuízo monetário.

O iniciante deve começar com uma quantidade relativamente pequena em comparação com a que pretende obter. Com os resultados obtidos no primeiro ano e com a experiência adquirida poderá com facilidade desenvolver a criação no ano seguinte. Se tiver alguns problemas técnicos e financeiros, deverá se aconselhar com outros avicultores experientados e agrônomos que poderão orientá-lo.

O plano geral das instalações deverá ser estudado e traçado desde o início a fim de evitar construir desordenadamente novos abrigos em redor dos primitivos, ou mesmo, o que é o pior, ter de desmanchar ou reformar as primeiras instalações.

O traçado geral deve obedecer ao critério de economia, não só de material como de tempo da mão-de-obra no fornecimento diário das rações, na limpeza, colheita de ovos, etc.

Aquêles que criam algumas cabeças de marreco por gosto ou diversão, o que é muito comum entre nós, nas fazendas sobretudo, não têm de se preocupar com a questão econômica. Os marrecos se criam quase sem atenção alguma... e às vezes vão bem pelo seu pequeno número.

Tal não acontece nas grandes criações — criações industriais — onde a vigilância e os cuidados precisam ser constantes. Um dos pioneiros na criação de marrecos nos Estados Unidos declarou que são essenciais dois requisitos aos criadores: inteligência e energia. E nós podemos explicar: inteligência para poder compreender o que se passa na criação e raciocinar sobre a melhor medida a ser tomada a cada momento; e energia para pô-la em prática sem demora.

Evidentemente o «negócio de marreco» tem seu lado interessante, que atrai certo número de avicultores:

a) a renovação do capital é rápida, pois os marrequinhos são vendidos com 8 a 12 semanas;

b) as instalações são muito mais simples e baratas que as destinadas à criação de galinhas;

c) um operário pode tomar conta de um número muito maior de marrecos do que de galinhas, saindo a mão-de-obra *per capita* mais barata;

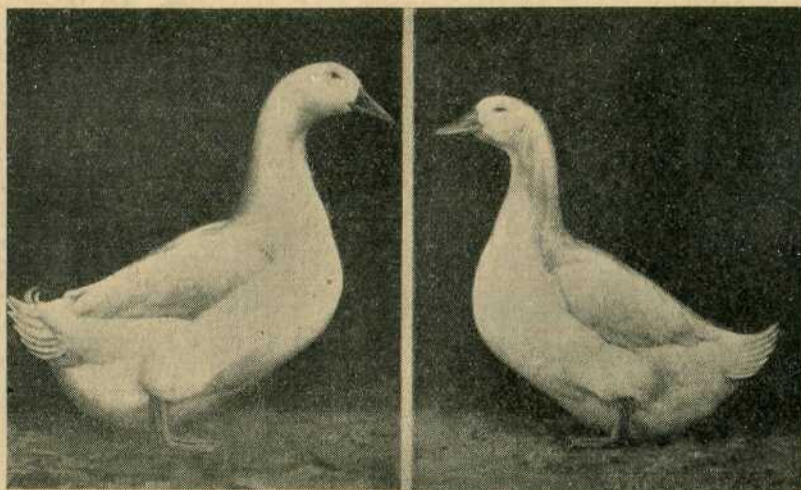
d) os marrecos não estão sujeitos ao grande número de parasitas e doenças que constituem um dos pesados tributos na criação de galinhas.

Apesar de tudo isso, o número de criadores de marrecos é pequeno, muito menor que o de criadores de galinhas, o que só podemos explicar pela limitação do «mercado». O povo brasileiro não está suficientemente educado para distinguir um «marreco de leite» de um pato velho criado no brejo.

O marreco ainda é no nosso país um prato «fino», privativo dos restaurantes de elite e das mesas dos ricos e por isso é caro. E, enquanto fôr caro, é um bom negócio.

O MARRECO DE PEQUIM

Dentre tôdas as raças devemos dar preferência para exploração econômica ao marreco de Pequim, que é grande e forte,



Casal de marrecos de Pequim

não havendo diferenças muito notáveis entre o macho e a fêmea, ambos servindo para o mesmo fim.

A maior parte de sua carne se acumula no peito que é longo, largo e musculoso. São muito precoces, quer no desenvolvimento, quer na postura, não sendo raro as marrecas iniciarem-na aos 4 meses e meio de idade, mas normalmente o fazem aos 5 ou 6 meses. No nosso meio põem abundantemente de junho a janeiro (às vezes até março), portanto durante oito a dez meses do ano e atingem 150 ovos na postura do primeiro ano. Em relação à postura leva desvantagem ao Corredor Indiano («Indian Runner»), que tem um período mais longo e que por conseqüência botam uns 20 a 40 ovos a mais.

Raramente chocam, de maneira que os ovos precisam ser incubados artificialmente. A fertilidade dos ovos é grande, porém como as marrecas os põem em qualquer lugar, nem sempre são colhidos em condições suficientemente higiênicas e assim são facilmente invadidos por fungos e bactérias que baixam a percentagem de eclosão, freqüentemente a menos de 50 %.

Os marrequinhos são grandes, resistentes, criam-se artificialmente com grande facilidade, desde que sejam convenientemente alimentados e abrigados.

Tendo asas atrofiadas não voam e podem ser contidos por uma cêrca de apenas 60 cm de altura. Se criados para o mercado, podem viver em locais extremamente confinados e, embora se recomendem para os reprodutores tanques de água para banho e exercício, é suficiente que disponham de água para beber.

As doenças dos marrecos são poucas e raríssimas. Eles não têm piolhos ou outros parasitos. Seus alojamentos e abrigos podem ser os mais simples, rústicos e baratos que se possam construir.

Embora medrosos, acostumam-se ao tratador e são facilmente conduzidos quando se habituam a um manejo delicado.

O MARRECO CORREDOR INDIANO

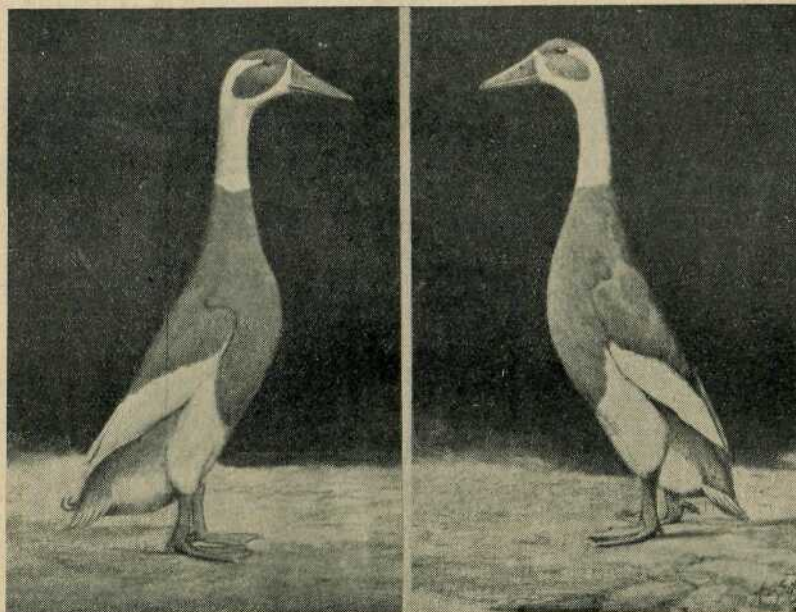
O marreco Corredor Indiano, do qual existem três variedades, a branca, a oveira clara e a oveira escura, é outra raça de grande importância econômica, mas especializada para a produção de ovos. Mantivemo-la por alguns anos em nosso aviário, sem ter observado interesse algum do público por ela. Acreditamos, por isso, ser um pouco cedo para preconizar sua criação em nosso meio.

Se alguém der preferência a esta ou outra raça, poderá seguir as normas de criação aqui aconselhadas, pois são extensivas a tôdas as raças e não há recomendações especiais a serem feitas.

CAPITAL

Não se pode, em *grosso modo*, dizer qual seria o capital necessário para a produção, por exemplo, de 1000 marrecos mensais. Vamos dar, entretanto, uma idéia tão aproximada quanto possível dentro das nossas concepções do custo atual de uma instalação para a criação de reprodutores e produção de 10 000 marrequinhos mensais durante seis meses no ano.

De início o criador terá de fazer as seguintes inversões de capital:



Casal de marreços Corredores Indianos

	Cr\$
1 alqueire de terra, no mínimo	20 000,00
1 casa para o zelador	50 000,00
abrigo para reprodutores, marrequinhos novos chocadeira e sala respectiva	200 000,00
1 depósito de forragens grande	150 000,00
instalações de água e esgoto	100 000,00
preparo do terreno, etc.	20 000,00
1 carroça arreada e animal	10 000,00
ferramentas	7 000,00
cercas	3 000,00
	20 000,00
Total parcial	580 000,00

Até que os reprodutores iniciem a postura dispenderá ainda:

	Cr\$
Alimentação de 3 500 marrequinhos durante 3 meses	70 000,00
3 500 marrequinhos de um dia	35 000,00
Alimentação de 1 700 fêmeas e machos reservados para a reprodução durante 3 meses mais	51 000,00
Tratador, 6 meses	9 000,00
Total parcial	165 000,00

Terá uma primeira renda aos 3 meses com a venda de 1800 marrequinhos criados em excesso, quase todos machos, pelos quais apurará uns Cr\$ 58 000,00.

Somente quatro meses mais tarde (no fim do 10.º mês), o criador poderá entregar o primeiro grupo de 10 000 marrequinhos, precisando de 4 a 6 homens, tendo realizado mais ou menos as seguintes despesas:

	Cr\$
Alimentação 3 meses de 10 000 marrequinhos	200 000,00
Alimentação de 10 000 marrequinhos (2.º lote) dois meses	100 000,00
Alimentação de 10 000 marrequinhos (3.º lote) um mês ..	30 000,00
Mão-de-obra, 3 meses	25 000,00
Alimentação dos reprodutores, 4 meses	68 000,00
Total parcial	423 000,00

Precisará ainda ter uma reserva de alimentos no depósito de cerca de Cr\$ 100 000,00, portanto, no ato de vender o primeiro lote de 10 000 marrequinhos terá despendido as seguintes parcelas:

	Cr\$
Primeira parcela	580 000,00
Segunda parcela	165 000,00
Terceira parcela	423 000,00
Reserva de alimento	100 000,00
Total geral.....	1 268 000,00
Menos receita de 1 800 marre- quinhos vendidos aos 3 meses	58 000,00
Total líquido.....	1 210 000,00

Se generalizarmos esses cálculos vemos que para produzir 1000 marreços por mês precisamos despendar inicialmente Cr\$ 120 000,00 ou seja Cr\$ 120,00 por cabeça.

Com a venda do primeiro lote a Cr\$ 32,00 por cabeça, líquido, apurará Cr\$ 32 000,00 e terá de então em diante alguma folga. Tirando seis ninhadas por ano, apurará Cr\$ 1 920 000,00, gastando Cr\$ 1 400 000,00 em alimentos, Cr\$ 100 000,00 em mão-de-obra, Cr\$ 55 000,00 em juros do capital, Cr\$ 45 000,00 em administração, num total de Cr\$ 1 600 000,00. O lucro líquido será de cerca de Cr\$ 320 000,00 ou aproximadamente 30 % do capital empatado.

Ora, esse orçamento está sujeito a grande variação no custo das instalações, alimentação, mão-de-obra, mortalidade dos marrequinhos, etc. Haverá entretanto compensações, por isso julgamos que a realidade não se afaste muito dêle.

O preço de custo de cada marrequinho produzido pode ser calculado em 5 cruzeiros, considerando a manutenção de 1500 reprodutores durante todo o ano.

A criação de marreco poderá pois dar lucros razoáveis, porém depende muito do conhecimento técnico e do tino administrativo e financeiro de seu empresário. Ele precisa, antes de iniciar uma criação de tal vulto, fazer contrato com frigoríficos que garantam um preço mínimo interessante, do contrário, no momento da venda o criador pode ver-se em apuros, só encontrando quem lhe pague Cr\$ 20,00 a 25,00 por cabeça, preços inferiores ao custo de produção e seu prejuízo será certo.

Mais uma vez queremos chamar a atenção dos leitores que os cálculos aqui feitos podem afastar-se muito de casos particulares. Servem apenas para dar uma ligeira idéia do volume e dos riscos do negócio.

Nos demais países, a maioria dos marrecos que aparece à venda nos mercados provém de pequenas criações, acessórias de sítios que têm explorações mais importantes, e cujos cuidados são entregues à mulher do agricultor. A produção dessas pequenas criações orça em 100, 200 e mesmo 300 marrecos mensalmente.

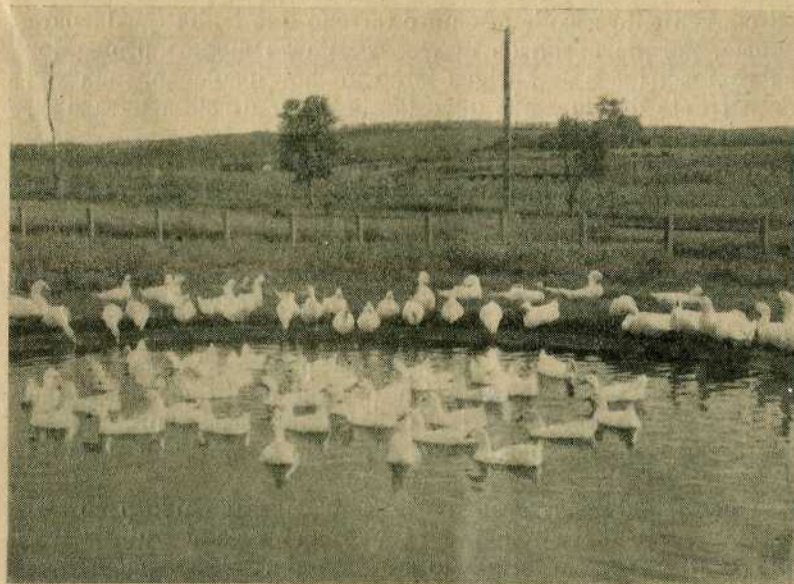
Aconselhamos a quem deseje explorar o marreco em larga escala, mesmo tendo grande capital, a começar com pouco. O primeiro ano será de experiência e o criador novato muito terá que aprender. Mesmo que nada ganhe nesse primeiro ano, a experiência adquirida representará para ele um valor tão alto como o que ele poderia ganhar com uma maior criação bem sucedida.

LOCALIZAÇÃO

Sempre que possível a escolha do local onde se deva realizar a criação será feita com bastante critério.

Salvo o caso em que o criador já possua um terreno que seja o único disponível para o estabelecimento de criação de pequeno vulto e de fins ornamentais, os seguintes requisitos devem ser satisfeitos.

Em primeiro lugar se considerará a proximidade do mercado consumidor, a fim de se evitarem perdas de peso e morte no transporte, barateamento dos fretes e carretos e facilidade de obtenção de alimentos. Estas condições podem ser satisfeitas



Tanque feito em forma de bacia, com duas camadas de ladrilho de tijolos e revestido de cimento — para reprodutores. A água deve ser renovada continuamente e o tanque lavado periodicamente.

à margem das estradas de ferro e de rodagem, possivelmente a menos de 100 quilômetros do frigorífico ou dos grandes centros consumidores, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em segundo lugar escolher-se-ão solos arenosos e portanto porosos, com alguma declividade (não em demasia), para impedir o empoçamento de água, que pode tornar-se prejudicial. Os charcos e brejos não servem absolutamente para uma criação racional de marrecos. O terreno arenoso, geralmente branco, tem ainda a vantagem de conservar os marrecos mais limpos e com melhor aparência.

Os solos muito arenosos geralmente são pobres, pouco férteis. São assim pouco procurados para a agricultura. Na criação de marrecos isto não tem importância porque eles se encarregam de fertilizar o solo e em breve ter-se-ão gramados abundantes. Estas terras podem ser, pelos motivos expostos, adquiridas por menor preço que aquelas mais aproveitáveis para as culturas.

É conveniente escolher sempre terreno que tenha queda para o norte, porque assim os marrecos estarão melhor protegidos dos ventos frios e os abrigos terão melhor insolação, uma vez que a frente dos mesmos deve também ser dirigida para o N, N.E. ou N.N.E.

A água é muito importante e a propriedade deve ter abundância dela, pelo menos para beber, pois não é essencial que os marrecos disponham de tanques para a natação. Deve ser potável para garantir a boa saúde das aves. Ribeirões que recebem restilios e resíduos de indústrias químicas podem tornar-se perigosos em certas ocasiões em que o teor dos produtos tóxicos aumenta.

A área destinada aos reprodutores pode ser calculada na base de 6 m² por cabeça, entre parque e abrigo, de forma que num hectare podem criar-se 1500 marrecos reprodutores. Essa área pode comportar mais quando se formam grandes lotes.

Na criação de marrecos novos para mercado o espaço necessário é muito reduzido para que não façam muito exercício e desperditem alimento ou energia. Então poderemos ter até 1000 marrecos num quadrado de 20 x 20 m.

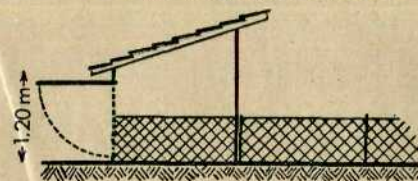
1500 reprodutoras, nos meses de postura mais intensa (seis meses) podem produzir 22 000 ovos que podem proporcionar 10 000 marrequinhas por mês.

Vê-se que uma criação de tais proporções pode ser conseguida num alqueire de terra apenas, se o criador mantiver-a como única exploração. Achamos de muito bom alvitre a consorciação desta criação com a horticultura, como temos feito em nossa Seção de Avicultura, em Piracicaba, onde a água dos tanques pode ser escoada, por gravidade, para irrigação da horta, que por sua vez fornece o verde para os marrecos e outros fins.

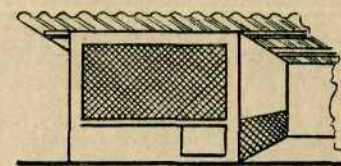
ABRIGOS

Para facilidade de manejo das aves os abrigos para reprodutores são compridos, com divisões internas transversais para separar os lotes, correspondentes a cada cercado. O abrigo poderá ter uma profundidade de 3,5 m e as divisões de separação colocadas a cada 4,5 ou 5,5 m, dando uma área de 15,75 a 18,25 m² para cada 30 marrecos (0,5 a 0,6 m² por cabeça).

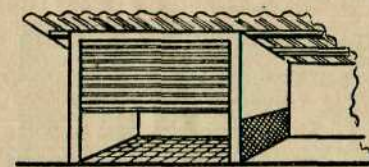
IMPRENSA NACIONAL Biblioteca de Raças



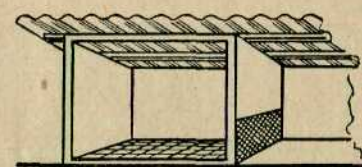
CORTE TRANSVERSAL mostrando dispositivo da porta posterior para limpeza do abrigo



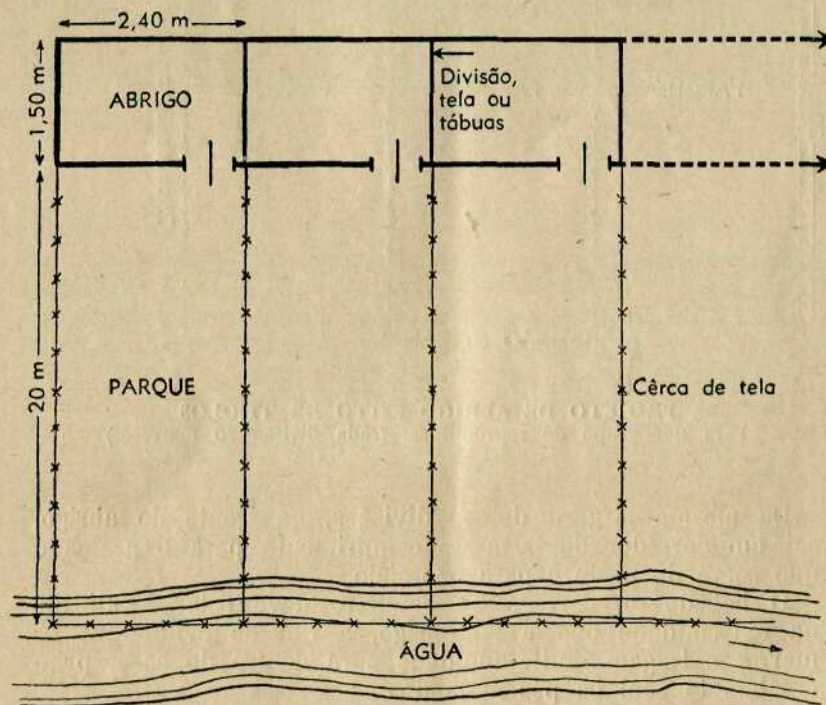
Com frente telada



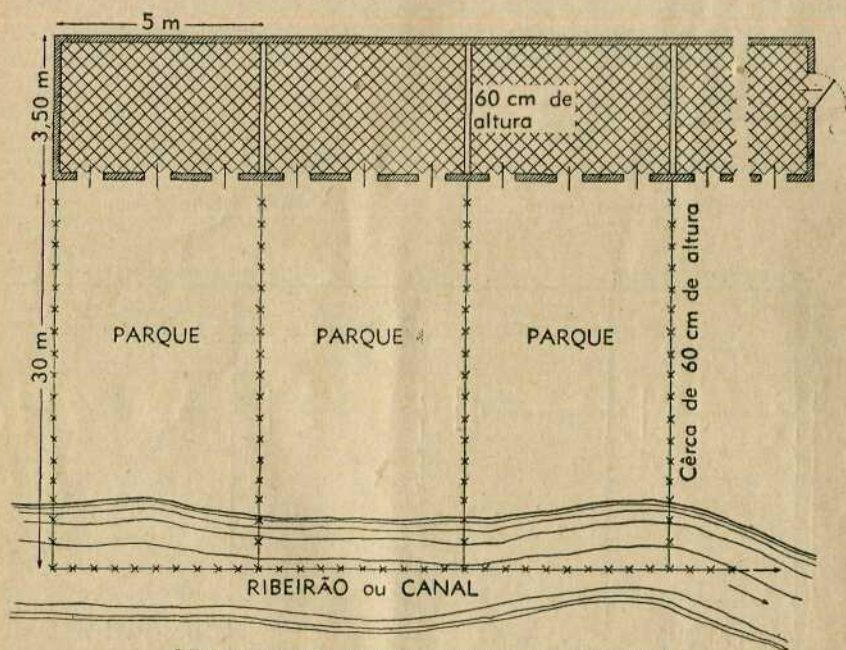
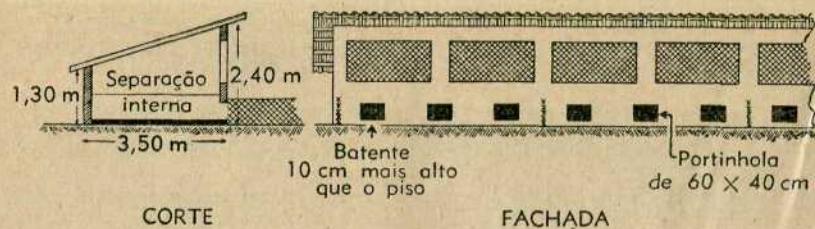
Com cortina na frente



Com a frente aberta



PROJETO DE ABRIGO DE MADEIRA
Para 1 marreco e 6 marrecas

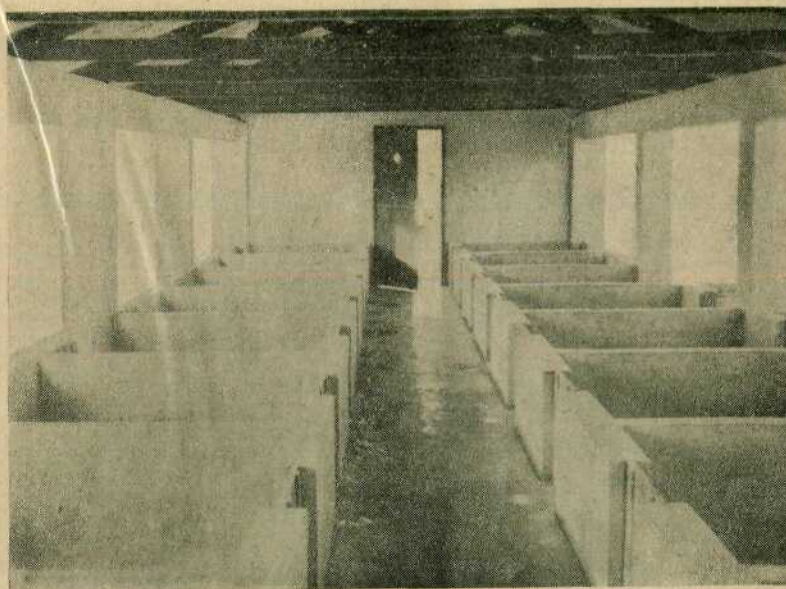


PROJETO DE ABRIGO FEITO DE TIJOLOS
Para um grupo de reprodutores (cada divisão 30 marrecos)

Da mesma largura dessas divisões, na frente do abrigo, sai um corredor de 30m de comprimento para o gramado que serve de pasto e para exercício.

O bebedouro, córrego ou banheiro deve estar localizado na extremidade oposta ao abrigo, a fim de evitar que os marrecos tragam muita umidade para dentro de casa, principalmente com os pés molhados.

Ao abrigo pode acrescentar-se um corredor nos fundos de 1,2m de largura (em vez de 3,5m teria 4,7 de profun-



Interior de um abrigo para marrequinhas de 1 a 3 meses. As divisões são para a formação de lotes uniformes.

didade) a fim de facilitar o serviço. Esse corredor, no entanto, pode ser dispensado, fazendo-se janelas de levantar por trás, visto encarecer a construção em cerca de 20%.

Preferem-se telhados de uma só água com o pé direito de 2,4m na frente e 1,2m a 1,3m atrás, no caso de não se fazer o corredor de serviço. Quando se deixe um corredor, o pé direito atrás tem de ter no mínimo 1,80 e a frente será proporcionalmente mais alta.

A cobertura do telhado deve ser econômica, com qualquer dos materiais usuais.

O piso de terra socada não é muito estimado por facilitar a entrada de ratos, que espantam muito os marrecos à noite, mas não é mau sob outros pontos de vista, desde que não haja penetração de umidade. Geralmente se usa piso ladrilhado de tijolos, de preferência acimentado, que, por ser frio, requer uma cama de fitas de madeira, serragem, palha picada ou outro material absorvente que pode ser terra mesmo. O piso deve ficar a 10 cm acima do nível do solo em volta para evitar a penetração de águas de chuva.



Portinhola para saída de marrecos dos abrigos. A tábua inferior é mantida para segurar a cama. A superior pode ser colocada à noite para as aves dormirem fechadas.

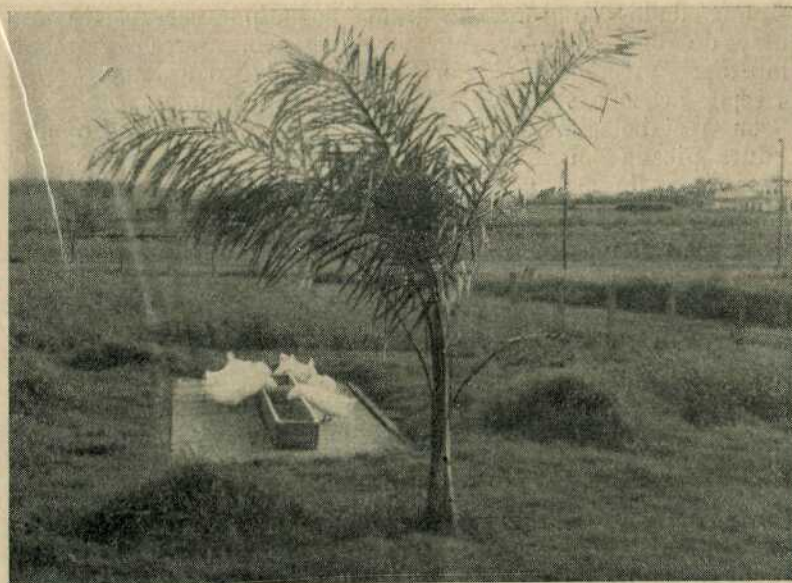
O essencial é que o abrigo seja e permaneça sêco e proteja as aves do vento forte, ficando o estilo e o material de construção ao gôsto e critério do criador.

Nas paredes da frente fazem-se ao nível do piso, ou um pouco mais elevadas para evitar a saída das camas, portinholas de saída, de 60 cm de largura por 40 de altura, que podem ser fechadas pelo sistema de guilhotina.

Os ninhos são desnecessários porque as marrecas fazem um buraco na palha da cama para pôr os ovos.

Quando o criador quiser formar lotes pequenos de 1 marreco e 6 marrecas, as dimensões do abrigo são de 1,2 m a 1,8 m de largura por 2,4 m de comprimento, com piquetes ou corredores que tenham uns 20 m de profundidade para pasto. Neste caso o abrigo pode ser bem baixo, pois não há necessidade de se entrar nêle com freqüência, nem mesmo para a limpeza que pode ser feita de fora.

Os telhados baixos têm a vantagem de proteger melhor o abrigo das chuvas de vento.



Comedouro de madeira. Uma parte ladrilhada para evitar que restos de comida caiam no chão favorecendo a propagação de moscas.

As janelas da frente podem ser bem amplas e de preferência teladas para impedir a entrada de animais daninhos à noite.

Os abrigos coletivos para grande número de reprodutores tornam-se mais econômicos porque permitem um melhor aproveitamento do espaço, contendo 2 ou 3 vezes mais marrecos do que os pequenos descritos, porém a fertilidade dos ovos é mais baixa.

GRAMADOS

Os parques serão gramados, sobretudo para os reprodutores. As separações são feitas de tela de malha de duas polegadas, sendo suficientes 60 cm de altura para conter as aves. Não convém exagerar nessa medida porque a cêrca baixa permite a passagem do tratador de um cercado para outro, em qualquer ponto, ao passo que sendo altas se estragarão em breve.

Temos dado preferência à grama sêda, por ser resistente, tenra, de bom paladar e valor nutritivo. Outras grammas também se prestam para marrecos, inclusive o quicuío.

Si por acaso o gramado ficar muito estragado, favorece-se o seu restabelecimento dando diariamente uma ração de verdura picada em abundância.

No meio do parque planta-se uma árvore frutífera de densa folhagem (laranjeira, mangueira, abacateiro, etc.), para dar um pouco de sombra e... algum fruto.

COMO INICIAR UMA CRIAÇÃO

Há diversas maneiras de se iniciar uma criação de marrecos, que apontaremos a seguir mostrando suas vantagens e desvantagens.

1) A aquisição de *ovos* para incubar é aparentemente a forma mais barata, porque os ovos custam muito menos que as aves novas ou adultas. Realmente, quando se trata de criação doméstica e se deseja uma ou duas dezenas de aves, empregando-se a incubação natural por meio de galinhas ou outras aves, o processo é prático e econômico. Quando se trata porém de criação industrial, achamos ser esse o meio mais desaconselhado para iniciar uma criação. Em primeiro lugar porque o criador terá de despender desde início uma avultada quantia com a chocadeira, e, em segundo, porque a incubação de ovos de marreco é francamente desanimadora para o principiante. É uma operação mais trabalhosa e delicada que a incubação de ovos de galinha e os resultados não se podem comparar como veremos mais adiante quando tratarmos de incubação.

2) A compra de marrequinhos novos pode ser feita tendo êles a idade de *um dia* ou de *quinze dias*. Há a ilusão de que a segunda modalidade seja mais interessante porque os marrequinhos já se acham praticamente desabituaados da fonte calorífica e se possa dispensar a criadeira. Realmente assim é, mas quem vende marrequinhos de 15 dias geralmente vende o refugio, isto é, escolhe os de crescimento mais rápido para si e dispõe dos restantes. Evidentemente a regra comporta exceções, mas é conveniente que o novato se precavenha contra essa possibilidade.

No caso de se adquirirem marrequinhos de um dia, dá-se o contrário. As aves provêm certamente de ovos de boa qualidade, de bons reprodutores, pelo menos da mesma qualidade que o criador costuma produzir para si. Há muito pouca probabilidade de o vendedor realizar uma seleção para vender os refugos em marrequinhos de um dia. O máximo que poderá fazer é uma separação de sexos. Os marrequinhos são vendidos por pouco mais do dôbro do preço dos ovos, e como se perdem 50% de ovos na incubação, é preferível comprar os marrequinhos já nascidos, economizando-se tempo, trabalho e empate de capital em chocadeira.

3) Por ocasião da venda dos marrecos aos frigoríficos, pode-se conseguir com os criadores de reputação a reserva de certo número de fêmeas melhores e machos maiores e mais perfeitos, e, se se pagar Cr\$ 10,00 a 20,00 por cabeça mais do que lhes paga o frigorífico, ainda é um bom negócio.

4) Finalmente teremos a última possibilidade, a de adquirir os marrecos adultos. Esta hipótese pode ser boa ou não. Será difícil adquirir reprodutores adultos bons no início da postura por preço razoável. Quanto vale um marreco ou marreca nestas condições? É difícil dizer, porque cada criador reputa seus animais como lhe apraz. Modestamente valerá Cr\$ 100,00 a 150,00, tratando-se de um bom exemplar.

Se o marreco tiver de ser adquirido no fim da estação de postura, o que é fácil, valerá uns 50 cruzeiros menos.

Há épocas em que o criador dispõe de seu plantel, para substituir por aves mais novas. Em se tratando de aves de escol, que tiveram uma ou duas posturas, a sua aquisição é um bom negócio para principiar, porque se trata de aves que já sofreram uma seleção antes de entrarem para a reprodução.

É mais perigoso adquirir refugos sem valor quando se compram marrecos de cinco a seis meses em véspera de postura, pois podem constituir o refugio de aves leves, tardias, defeituosas, que o criador pretende eliminar da criação.

Afinal de contas é importante a reputação do criador. Geralmente as instituições oficiais de fomento dos governos federal e estaduais, menos interessadas na parte comercial que os particulares, merecem a confiança do comprador.

De nossa parte, opinamos para a aquisição de marrequinhos de um dia, cuja criação é estimulante e proporciona interessantes ensinamentos a quem começa. Além disso, poderá o criador dentro de três meses vender uma parte dêles já criada

(excesso de machos e refugos de fêmeas), enfronhando-se desde logo na parte mais importante do negócio que é a comercial.

INCUBAÇÃO

A incubação de ovos de marrecos pode ser feita por galinhas (incubação natural) ou em chocadeiras (incubação artificial). Não se pode esperar que as marrecas choquem os próprios ovos, pois o choco foi praticamente eliminado, notadamente nas raças de maior importância econômica, como no Pequim e no Corredor Indiano. Muito rara é a marreca que choca e esta, evidentemente deve ser eliminada porque botará menos ovos.

Nas criações domésticas, em pequena escala, não compensa adquirir chocadeira e é preferível a incubação natural com galinha ou pata. Na criação industrial propriamente dita não é possível dispensar o emprêgo de chocadeiras.

Os ovos para incubação devem ser colhidos nas melhores condições possíveis, o que constitui uma séria dificuldade, pois a marreca tem tendência a botar ovos esparramados em qualquer parte, quer no abrigo, quer nos gramados.

Quando se prendem as marrecas de manhã cedo para que não botem ovos nos gramados, as correrias dos marrecos dentro do abrigo jogam êsses ovos sobre os excrementos daqui para acolá, trincando-os e sujando-os.

Se se deixam as marrecas soltas, elas botam em concavidades dos gramados, onde se molham com o orvalho e se sujam de terra. Os lugares de postura preferidos são os cantos dos abrigos e buracos nos parques, que deverão ser providos sempre de palha limpa para aproveitar-se a maior quantidade de ovos limpos. Podem-se fazer ninhos rentes ao chão, nos abrigos, junto às paredes para êsse fim.

Para se obter grande proporção de ovos em boas condições, o lote de reprodutores deve ser pouco numeroso e os ovos colhidos com freqüência, se postos no gramado, e conservados limpos. Se postos no abrigo, a colheita poderá ser feita logo às 8 horas, quando quase tôdas as marrecas já botaram, pois quanto mais tarde se soltarem as marrecas, mais sujos serão os ovos. Uma cama de palha bem espessa, ao mesmo tempo que mais durável, concorre para a obtenção de ovos mais limpos.

Os ovos sujos podem ser lavados com água morna e esponja áspera e enxutos imediatamente. Há quem acredite que a lavagem retira uma película protetora que envolve o ovo. Tivemos ocasião de efetuar várias incubações comparativas de ovos lavados e não lavados (sujos, freqüentemente de terra) e não pudemos chegar à conclusão de que os ovos lavados sejam piores ou melhores para incubar que os não lavados. Parece-nos que a principal causa de deterioração dos ovos de marreco são pequenos orifícios da casca que se observam em certos ovos, por onde penetram fungos e bactérias que contribuem para a morte e apodrecimento do ovo, no que a lavagem não pode interferir. Entretanto, aconselhamos a lavagem, não só para melhorar a aparência, como para facilitar posteriormente o exame dos ovos, ao ovoscópico, quando os ovos são muito sujos.

Para cada 1 000 marrecos que desejarmos produzir anualmente precisaremos 25 reprodutoras; entretanto se quisermos produzi-los em pouco tempo, êsse número terá de ser aumentado proporcionalmente.

A temperatura de incubação nas chocadeiras comuns é de 101 a 102 graus Farenheit nos primeiros 5 dias e 102 a 103, sem nunca ultrapassar, durante o restante, pois o excesso de calor causa maior mortalidade do que qualquer outra causa.

Essa temperatura deve ser tomada com o bulbo do termômetro ao mesmo nível superior dos ovos, pois que sendo os ovos de marreco mais grossos que os de galinha, o termômetro terá que ser colocado um pouco mais alto no seu suporte.

Não é necessário virar os ovos nos cinco primeiros dias, porém daí por diante devem ser virados duas vezes por dia até o 25.º ou seja, quando os marrequinhos começam a picar.

Nas chocadeiras de ventilação forçada (de cabine) a temperatura de incubação deve flutuar entre 98,5 a 99º F.

Os ovos devem ser esfriados uma vez por dia, para o que se retiram as gavetas das chocadeira. Quando encostados no rosto não parecerem mais quentes (nem frios) estão bons para voltarem à chocadeira. Pomos nossas dúvidas sobre a necessidade dêsse resfriamento, porém não temos base ainda para condenar essa prática que vem há muito tempo sendo seguida.

No 5.º dia de incubação, utilizando-se de um ovoscópico, examinam-se os ovos para eliminar os claros e os de embriões mortos. Êstes são eliminados e aquêles poderão ser vendidos para padarias. Os ovos de marreco apodrecem com muita facilidade na chocadeira, produzindo gases de muito mau cheiro,

que podem prejudicar os outros ovos. Por isso, todos os dias, quando se faz o resfriamento dos ovos, convém realizar um exame ligeiro. Os ovos podres tomam uma aparência azulada, opaca ou marmórea, diferente dos ovos bons. São fáceis de ser reconhecidos com a prática. Podem ser cheirados para serem descobertos, mas é preferível realizar um exame com o ovoscópio cada 2 dias, nesse momento em que os ovos permanecem fora da chocadeira para se esfriarem.

A incubação de ovos de marreco requer bastante umidade. Nas incubadoras de ventilação forçada é fácil regular a umidade, nas demais a bandeja de água deve ser suficientemente ampla. Muitos recomendam passar um pano molhado nos ovos uma vez por dia. Essa operação dá de fato excelente resultado, mas é de difícil execução, a menos que se trate de pequena quantidade de ovos. A pulverização dos ovos com água morna (a água já chega fria sobre os ovos), que temos praticado, não nos parece muito eficiente e necessária, quando a chocadeira possui suficiente umidade, porém quase todos os criadores a praticam.

Ainda a incubação de ovos de marreco exige maior ventilação que os ovos de galinha. Nas chocadeiras comuns os ventiladores, orifícios de entrada e saída de ar, são mantidos abertos desde o princípio da incubação e nas de ventilação forçada dá-se maior entrada de ar, se possível.

Quando os marrequinhos começam a picar, podem-se fechar os ventiladores para aumentar a umidade interna, e só se deve reabri-los quando quase todos aqueles tiverem nascido, dando-se então a máxima ventilação, o que se consegue nas chocadeiras comuns, abrindo-lhes um pouco a porta para entrar mais ar.

No 28.º dia os marrequinhos devem ser retirados da chocadeira. Observa-se certa percentagem deles, que, após terem rompido grande parte da casca, ficam incapazes de nascer. Ao contrário do que acontece com os pintos, podem-se abrir esses ovos em duas metades e despejar os marrequinhos na gaveta de nascimento da chocadeira, deixando-os algumas horas para se enxugarem.

A percentagem de nascimento é geralmente mais baixa que a de ovos de galinha, o que é compreensível, devido à colheita dos ovos em condições menos higiênicas e à facilidade com que apodrecem. Nas incubações ordinárias, sem cuidados especiais, obtêm-se 50 % de nascimento dos ovos postos, nos meses de agosto, setembro e outubro e 40 % nos de-



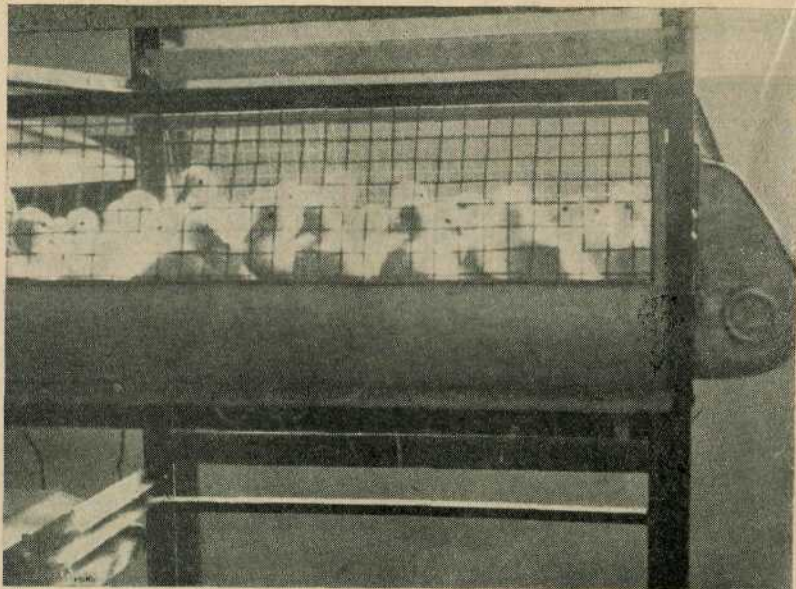
Retirando uma ninhada. Incubação artificial.

mais. Levando uma incubação a capricho, o máximo que conseguimos numa chocada de duzentos e poucos ovos, foi de 70 % de nascimentos. Entretanto há quem tenha tirado 90 %; isto naturalmente com ovos colhidos em muito boas condições, o que nunca conseguimos por vários motivos que não cabe aqui discutir.

Para obter-se percentagem elevada, além das condições de criação e perfeito funcionamento da chocadeira, os ovos devem ser bem escolhidos, eliminando-se os deformados, grandes ou pequenos demais, os porosos, os demasiadamente sujos de excrementos e os trincados, que se descobrem batendo um levemente contra o outro.

Após o nascimento, os marrequinhos são colocados em cestas ou grandes caixas de papelão, forradas de palha fina, e são cobertos com um pano e levados para a criadeira.

Se se destinam a despacho, são embalados nas mesmas caixas de papelão empregadas no transporte de pintos, porém como os marrequinhos são muito maiores, vão apenas 25 a 30 em caixas de 50.



Criação de marrequinhos em baterias. Vai bem até uns 15 dias de idade. Requerem mais espaço que os pintos.

Parece certo que os marrequinhos provenientes de ovos de marrecas no seu segundo ano de postura são mais robustos. Entretanto, de outro lado, também parece que os ovos do primeiro ano de postura são mais férteis. Os primeiros ovos, assim como os últimos que as marrecas botam têm sempre fertilidade reduzida.

CRIAÇÃO DOS MARREQUINHOS

Os marrequinhos, logo após o nascimento são levados para criadeiras comuns, baterias, utilizadas na criação de pintos. Uma bateria de 100 pintos comporta durante uns quinze dias 70 marrecos. Depois desse tempo precisarão ser removidos para alojamento mais espaçoso, do mesmo gênero dos pinteiros, onde permanecerão bem abrigados por mais duas semanas.

Nas grandes criações torna-se necessária a construção de salas criadeiras especiais, onde o aquecimento é geralmente

feito por meio de tubulações de água quente. Numa sala, com capacidade calculada de conformidade com o número de marrequinhos que se pretenda criar, estendem-se no sentido do comprimento duas a quatro linhas superpostas de canos de duas polegadas, um que leva água quente (o superior) e outro que a traz de volta a uma caldeira, constituindo um sistema de aquecimento de termo-sifão. Estes canos estarão distanciados um do outro de 25 cm, se dois, ou de 12 cm, se quatro. Terão ligações entre si, com registros adiante de cada ligação, de maneira a permitir cortá-la para a frente, diminuindo o circuito da água, quando a sala não fôr usada inteiramente.

Por sobre a tubulação de água quente faz-se uma ponte de tábuas em todo o comprimento da sala. Essa ponte tem duas utilidades: formar uma câmara de calor para os marrequinhos novos, sobretudo quando têm mais frio, e dar passagem para o tratador distribuir alimentos, que podem ser transportados num carrinho de mão.

Com tábuas de 30 cm de largura, fazem-se divisões no sentido transversal, de 1,20 m de largura, onde se podem alojar, durante as primeiras 4 semanas, 60 a 80 marrequinhos. Nos primeiros dias essas divisões são reduzidas com tábuas coladas paralelamente aos canos, para evitar que os marrequinhos se afastem muito do calor. O piso de concreto ou ladrilho deve ser coberto com um material absorvente, de preferência fitas de madeira.

Nas grandes criações, acreditamos que possa ser utilizado com êxito o sistema de termo-sifão enterrado no concreto do piso da sala criadeira, o que vem sendo largamente usado ultimamente com resultados satisfatórios para peruzinhos e pinteiros.

Para os iniciantes que não desejem fazer instalações caras ou de certo vulto, aconselhamos o emprêgo de campânulas elétricas ou a carvão. As últimas, como são geralmente de grande capacidade, só são aconselháveis quando não haja eletricidade, porque os lotes de marrequinhos da mesma idade a serem criados juntos não devem ultrapassar de 100, o que já é muito. O número aconselhável para a formação dos lotes vai de 60 a 80, sendo de 75 o ideal.

Onde haja eletricidade as campânulas destinadas a 100 pintos são boas para lotes de 70 marrequinhos. Devem ser instaladas em salas bem abrigadas, preferivelmente forradas e com alguma ventilação indireta.

Os marrequinhos, trazidos da chocadeira, são colocados cuidadosamente debaixo da campânula para se acostumarem à fonte de calor, e as campânulas são cercadas com um anteparo circular ou semelhante, de fôlha, de ferro ou papelão, de uns 30 cm de altura, para impedir que os marrequinhos se afastem nos primeiros dias.

Deve-se observar que é mais fácil os marrequinhos morrerem de excesso de calor do que de sua falta. Por isso convém observar a fonte calorífica. Se se não dispuser de um termômetro apropriado, pode-se concluir pelo comportamento dos marrequinhos se o calor é excessivo ou deficiente. Se piam e se amontoam junto à fonte de calor é sinal que têm frio e o calor precisa ser aumentado. Se fogem da fonte calorífica, pode-se baixar o calor, porque está sendo demasiado.

Utilizando-se de termômetro, dar-se-ão 95° F nos dois primeiros dias, 90° nos cinco seguintes, até os 15 dias 80°, e se necessário continuar a fornecer calor, deve-se baixar a temperatura para 75° F durante os 7 ou 14 dias que se seguirem, de conformidade com a temperatura ambiente. Percebe-se que os marrequinhos não precisam de calor porque deixam de se aproximar da fonte calorífica, aproveitando o calor da sala. No tempo quente eles dispensam logo o calor; mais cedo que os pintos.

As camas, de palha cortada fina, serragem, fitas de madeira, ou qualquer outro material, devem ser renovadas com frequência nos lugares úmidos e nos mais sujos.

Nas criações grandes, anexa à sala de calor, constrói-se outra sem calor para receber os marrequinhos tão logo eles o dispensem, o que acontece de 15 a 25 dias. Esta segunda sala pode ter saída para parques externos (corredores) com gramados, onde os marrequinhos fazem um pouco de exercício ou tomam sol, e onde, de preferência, serão colocados os comedouros e depósitos de areia.

Em Piracicaba, na Seção de Avicultura da Escola Superior de Agricultura «Luís de Queirós», que dirigimos, mantemos os marrequinhos em baterias durante 7 a 10 dias. Em seguida passamos para a sala criadeira com campânulas (sempre em lotes de 60 a 80), onde recebem calor até 20 dias e onde permanecem até completar um mês de idade. Na casa criadeira dispõem de solário de piso telado, sendo a limpeza feita com esguicho. As divisões da casa criadeira, tanto as externas como as internas, são de 1,50×1,50 m.

Após um mês são levados os marrequinhos para uma recria com divisões de alojamentos de 2×2 m, coberta, ventilada, e corredores exteriores de 2×10 m, no fim dos quais se encontra um canaleta com água corrente, onde as avezinhas penetram à medida que se sentem com coragem. Esses corredores ou parques devem ser sombreados com árvores frutíferas. Acreditamos que a área desses parques seja um pouco reduzida, pois há quem aconselhe 5 a 6 m por cabeça. Tratando-se, porém, de marrecos que devam ser vendidos para matança aos 3 meses, não vemos nenhum inconveniente de aí permanecerem até aos 2 meses.

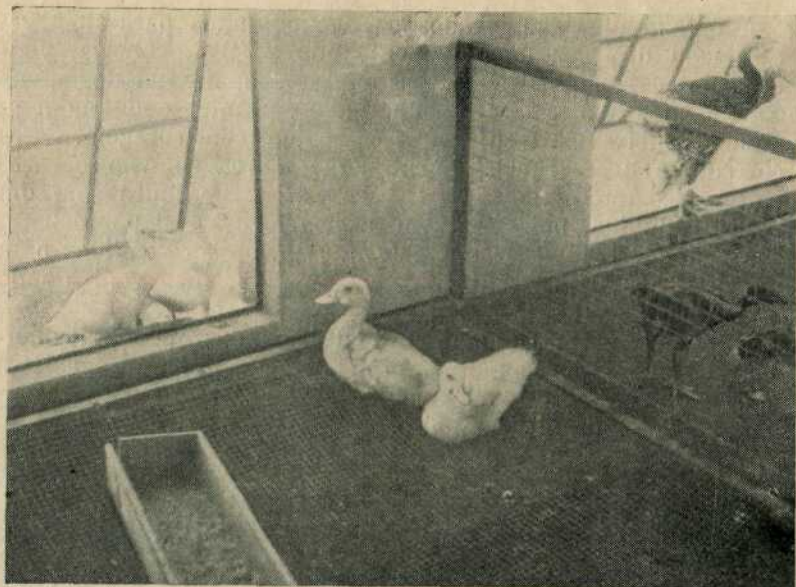
Duas ou quatro semanas antes de serem entregues ao mercado, são reunidos, para completar seu preparo, em lotes maiores, de 500, a 1000, numa área de 400 m² que deve ser também provida de banheiro.

ALIMENTAÇÃO DOS MARREQUINHOS

A maioria dos autores aconselha não se dar comida aos marrequinhos durante as primeiras 36 horas de nascidos porque ainda possuem reserva suficiente de alimento e seja sempre preferível deixá-los com alguma fome. Dá-se-lhes então água e sobre uma fôlha de papel um pouco de areia. Não achamos inconveniente em dar desde o primeiro dia algum alimento.

O primeiro alimento, durante os dois primeiros dias será de preferência pão molhado no leite desnatado, ou, se não houver leite, simplesmente em água, e misturado com areia grossa. Na falta de pão velho pode-se usar fubá fino, mas não há necessidade de cozinhá-lo como alguns fazem. Do 2.º ao 4.º dia ainda se podem acrescentar a essa alimentação os ovos claros que saem da chocadeira, cozidos e bem moídos. Daí por diante entra-se com a ração balanceada, igual à de pintos, sempre molhada com água e verduras finamente picada à vontade. A ração de farelada deve ser preparada com 5 % de areia e o alimento verde (capim ou verdura picados) será incorporado à farelada no ato de umedecê-la.

Quando o criador disponha de bastante leite desnatado para a criação, poderá organizar uma ração simples e econômica constituída apenas por uma mistura de farelos (de trigo, de arroz, etc.), formando $\frac{2}{3}$, e fubá ($\frac{1}{3}$), molhados com êsse leite. Nos primeiros dias juntando areia (5 a 10 %), mas de-



Criação de marrequinhos sôbre tela. A limpeza é feita com esguicho. Observe-se o tipo de comedouro usado.

pois a areia pode ser colocada em cochos para os marrequinhos servirem-se à vontade, o que não farão em excesso.

Até os quatro dias essa ração ficará sempre à disposição; daí até os 15 dias dão-se 5 rações diárias; daí até os 30 dias 4 rações diárias; daí por diante 3 rações, em quantidade que sempre sobre um pouquinho para os mais fracos terem oportunidade de comer.

Quando o criador não disponha de leite desnatado deve basear a alimentação na farinha de carne, que introduzirá, de preferência gradativamente, na ração, a partir do quinto dia, com 5 %, 10 % na segunda semana e 15 % quando completam um mês de idade.

• Não podendo ou não convindo usar rações especiais, a partir do 5.º dia poderá usar rações comerciais para pintos em crescimento, no que o criador obterá bons resultados.

Alguns dão alimentos cozidos, o que é inútil e dispendioso. O que há de haver sempre é abundância de alimento verde na primeira idade, porém no último mês de criação não se

deve abusar de verduras, porque amolecem a carne e tornam esta e a pele muito coloridas, o que é indesejável.

Os bebedouros devem ter tal disposição que os marrequinhos não possam entrar nêles para se banhar, o que é prejudicial. Por isso, quando não apropriados costuma-se enchê-los de pedras grandes e irregulares, que não deixem muito espaço para os marrequinhos penetrarem (até 30 dias de idade).

Damos a seguir algumas rações que podem ser utilizadas para a composição da farelada. É muito importante que contenham cálcio e fósforo suficientes e, se os marrequinhos não tomarem sol, vitamina D, para evitar o raquitismo, que nestes animais se manifesta de forma grave como uma «fraqueza das pernas».

Ração para marrecas em postura (ou em muda)

Fubá	40
Farelo de trigo	15
Farelinho de trigo	15
Farelinho de arroz	15
Farinha de carne de 60 %	15

Adicionar 1 % de sal, 1,5 % de farinha de ostras e 5 % de areia. Deve a ração ser molhada sem que chegue a ficar a papa mole e é colocada em cochos de madeira rasos, longe do bebedouro. Pode-se ajuntar a verdura picada.

Ração para marrequinhos em crescimento

Fubá	35
Farelo de trigo	15
Farelinho de trigo	15
Farelinho de arroz	15
Farinha de carne de 60 %	20

Adicionar os mesmos minerais que para as poedeiras. Na primeira semana podem-se pôr apenas 5 % de farinha de carne, e adicionar 5 % em cada semana seguinte até atingir 20 %, se se quiser. A farinha de carne pode ser suprimida se os demais ingredientes forem bem molhados com leite.

Estas duas fórmulas são de ingredientes fáceis de ser encontrados e relativamente simples. O interessado noutras fórmulas poderá compô-las com facilidade utilizando nosso livro «Alimentação das Aves» e levando em consideração que as exigências são as mesmas que para galinha poedeira e pintos respectivamente. Apenas as quantidades de ração ingeridas pelo marreco são muito maiores.

Uma marreca em postura precisa de 250 g de mistura por dia — o dôbro de uma galinha de raça mista, e um marrequinho precisa:

para atingir	0,5 kg de peso vivo.	1,0 kg de ração
" "	1 kg " " "	2,5 kg " "
" "	1,5 kg " " "	4,3 kg " "
" "	2 kg " " "	6,4 kg " "
" "	2,5 kg " " "	8,8 kg " "
" "	3 kg " " "	12,0 kg " "

necessidades que vão muito além da de um frango de 3 meses, mas enquanto um frango de 9 semanas pode pesar 1,2 kg um marrequinho da mesma idade pode pesar 2,5 kg chegando o macho a atingir até 4,5 kg com apenas 10 semanas se bem alimentado e de boa origem.

Quando se dá ração de grãos (milho), êstes devem ser postos num côcho e cobertos de água.

Na época do ano em que a postura paralisa, dá-se pouca comida para evitar que os marrecos engordem, o que seria contraproducente, podendo-se, para baratear a ração, suprimir a farinha de carne ou deixar apenas uma pequena percentagem dela (3 %).

REGIME DOS REPRODUTORES

Os reprodutores são colocados nos parques de reprodução em maio, e alimentados convenientemente de maneira a estimular a postura precoce. Nesse mês já se podem colhêr alguns ovos e a postura aumenta progressivamente até julho, quando se torna abundante. Os primeiros ovos são de fertilidade reduzida, mas em julho dão boas chocadas, pois conseguem-se 90 a 95 % de ovos férteis.

Quando se deseja postura precoce é preciso conservar os marrecos fechados durante a noite, com o comedouro internamente, e só soltá-los após a postura entre 8 e 10 horas da manhã, conforme o dia clarear mais cedo ou mais tarde. Salvo casos excepcionais em que se deseja entrar com os marrequinhos cedo no mercado, não há vantagem em forçar a postura precoce, que também pode ser estimulada com iluminação artificial.

Nos casos mais gerais as marrecas reprodutoras devem gozar de suficiente liberdade, dispondo de pastagem verde,

água corrente se possível, e uma ração balanceada adequada. Ao contrário do que muita gente pensa, os marrecos podem ser criados fora d'água, mesmo para a reprodução, dispondo dela apenas para bebida.

É mais aconselhável a formação de lotes de 25 a 30 fêmeas e 5 machos, podendo-se entretanto formar grandes lotes para facilidade de tratamento. Neste caso, à medida que a estação de reprodução avança, as marrecas são mais perseguidas pelos machos, que as maltratam até matar se conservarmos essa proporção de 1 macho para 5 fêmeas. Por isso em lotes de 100, 200, 1000 reprodutores juntos, reduz-se o número de machos a 1 para 7 ou 8 fêmeas.

A ração pode ser a indicada na pág. 27; deve ser dada duas vezes ao dia e à tarde acrescenta-se uma ração de verdura cortada ou outro alimento verde. Quando não se disponha nem de capim picado, pode-se dar feno de alfafa picado fino, neste caso, de preferência misturado na farelada.

Alguns criadores, além de duas rações de farelada acrescentam, na hora de recolher, um lanche de quirera de milho. É bom não abusar dessas refeições suplementares, que, embora sejam benéficas no tempo da postura intensa, predispõem à engorda, prejudicando indiretamente a postura. Os marrecos precisam ser mantidos em boas carnes e não muito gordos, o que seria incompatível com a boa reprodução.

Também na época da reprodução os marrecos não dispensam a proteína animal sob a forma de farinha de carne, de peixe ou de leite desnatado, e deve haver sempre cochos com ostra e areia à disposição das aves.

Em nossas criações temos usado com excelente resultado as mesmas rações utilizadas para galinhas poedeiras, com 18,5 % de proteína, constituídas por mistura de farelos de trigo, arroz, amendoim, algodão, côco, farinha de carne, etc. Experiências realizadas em Piracicaba por Bergamin, demonstraram que a incorporação de raízes cruas, tais como mandioca, beterraba forrageira, e abundância de verduras para encher o papo das aves, em detrimento de farelada, faz diminuir sensivelmente a postura e o peso das marrecas.

As rações devem ser sempre bem molhadas e colocadas distantes do bebedouro, se não os marrecos ficam num vácuo do comedouro para o bebedouro, desperdiçando energia e comida.

Em fevereiro, quando terminam a postura, as aves ou são vendidas parcial ou totalmente ou reunidas em um só pasto

separado. Pode-se então revirar o terreno e aproveitar as últimas chuvas para a reforma do pasto. O verde é muito mais importante para os marreco do que para as galinhas e a maneira mais econômica de dá-lo aos reprodutores é sob a forma de pasto tenro. Quando o parque não seja gramado precisa-se dar 10 a 15 % de alimento verde sobre o total da ração fornecida diariamente, em verduras ou capins convenientemente picados.

SELEÇÃO

O marreco de Pequim foi introduzido nos Estados Unidos em 1870 e daí por diante sua criação e melhoramento tem sempre progredido. Lá como aqui, os principais consumidores pertenciam a princípio às colônias estrangeiras que davam valor a esses produtos, por se assemelharem aos de sua terra natal; os naturais foram, porém, aprendendo a apreciá-los, pouco a pouco.

Também lá, como está acontecendo aqui, os principais consumidores, a princípio, foram os restaurantes e os hotéis de certa classe, que difundiram o gosto pelo novo prato.

Um dos maiores empecilhos à introdução do marreco na mesa brasileira é o marreco e pato de mercado, de qualidade inferior, sem seleção e criado no sítio, em liberdade, comendo bichinhos no brejo, e vendidos já velhos, dando carne de má qualidade e péssimo paladar.

O que há de pior em matéria de criação de marreco é a mistura de diversas raças e, sobretudo, de indivíduos degenerados, que dão produtos de tipo e cor variados, sem uniformidade, sem atrativo e sem valor comercial devido à deficiência de carne.

Não se pode começar com animais inferiores. Tem-se de procurar obtê-los nas melhores criações. A seleção não pode deixar de ser praticada sempre e constantemente para evitar a degenerescência do bando. Quanto mais cedo se iniciar a seleção, melhor. No desenvolvimento observam-se os de maior tamanho e mais precoces, que serão marcados para reprodutores. São geralmente machos, mas haverá algumas fêmeas entre eles, de inestimável valor.

De outro lado, sempre ficam alguns marreco atrasados, que demoram muito a se desenvolver. Estes jamais devem ser conservados para a reprodução, mesmo sendo fêmeas.

Um marreco reservado deve ser isento de defeitos, ter o peito largo e profundo, a forma retangular e larga de uma caixa de sapatos. O peito será proeminente, mantido baixo, com a quilha levantada. A parte posterior do corpo deve quase tocar o solo. A cabeça é longa e delicada, os olhos grandes, cor de chumbo, o pescoço forte no macho e em ambos os sexos de tamanho médio, arqueado para a frente. As asas são curtas, bem fechadas sobre os lados, o dorso comprido e largo, formando uma suave depressão na espádua até a cauda que deve ser erguida com plumas ásperas e enroladas no macho. As coxas e canelas serão curtas, grandes, colocadas bem atrás, com dedos direitos, e de coloração laranja-avermelhada.

O peso médio do Pequim adulto é de 4,1 kg e da fêmea 3,6 kg, enquanto os jovens pesam respectivamente 3,6 kg e 3,2 kg. Na escolha dos reprodutores esses pesos devem ser observados para que se não afaste muito do peso padrão. Não se devem sobretudo utilizar na reprodução animais cujos pesos estejam muito abaixo dos discriminados.

No Pequim, assim como nas variedades brancas de outras raças, a existência de penas de cor na plumagem desqualificam o animal. A cor do Pequim é branca ou branco-creme, segundo sua origem. As manchas pretas no bico desqualificam o macho, porém as fêmeas, à medida que botam e envelhecem, vão ficando com o bico escuro, o que não constitui defeito.

São ainda defeitos que devem ser eliminados, o bico deformado ou de colher, costas tortas e curvadas, asas caídas ou quebradas, cauda torcida ou muito levantada como de esquilo. As asas torcidas também constituem defeito grave, mas, por ocasião da muda, podem-se observar algumas penas primárias contorcidas, o que não constitui defeito porque vão cair e ser substituídas por novas direitas.

Para as outras raças procurar-se-á conhecer o «*standard*» de perfeição ou tipo padrão respectivo para orientar o trabalho da seleção.

Para se obterem reprodutores é preferível incubar ovos de marreco que já atingiram seu completo desenvolvimento, no segundo ano de postura. Desprezando-se os primeiros ovos, de fertilidade duvidosa, incuba-se cedo — julho e agosto — porque obtêm-se marreco mais precoces e mais vigorosos, pois no tempo de calor — dezembro e janeiro — os marrequinho crescem mal. Os marreco criados no fim

do ano, bem assim os provenientes de fêmeas de primeira postura devem ser destinados ao mercado para carne.

Outra vantagem de incubar as primeiras ninhadas é evitar produtos de fêmeas que iniciam a postura tardiamente, realizando-se assim também uma seleção pela precocidade nesse caráter.

SACRIFICIO PARA O MERCADO

Em certas condições será preferível o criador realizar a matança dos marrecos que se destinam ao mercado, entregando-os já limpos às casas de carne. Para esse fim costuma-se fazer um galpão rústico especial.

Na ocasião da matança o casal deve pesar vivo 5 kg. A fêmea distingue-se pela sua voz grossa e grave.

O sacrifício do marreco faz-se cortando com faca apropriada ou tesoura as veias por dentro da bôca, dando-se, antes ou depois do corte, uma espetada no céu da bôca, com o mesmo instrumento. O trabalho de depenar é feito imediatamente, antes que o sangue pare de correr e antes que as penas fiquem duras.

Na Nova Inglaterra o arrancamento das penas a sêco é o único método adotado, pois o mercado só aceitaria outro tipo a preço muito baixo. Em Long Island e no Oeste americano, alguns dos grandes produtores escaldam. Na deplumação a sêco o marreco é prêso entre os joelhos do operador, com a cabeça dentro de uma caixa. As penas são retiradas rapidamente. As moles vão para a caixa e as duras são postas de lado. As asas são depenadas até a primeira junta e as penas voadeiras devem ser puxadas para fora, deixando-se o resto das penas. O pescoço será depenado somente até à metade e o corpo bem limpo. Deixa-se a cabeça.

Depois de estar o marreco perfeitamente depenado e eviscerado, as asas são apertadas ao lado, amarradas fortemente com cordão. Ele é então mergulhado numa tina de água fria por duas horas. E' depois retirado. Lava-se o sangue da bôca e coloca-se a ave n'água gelada, onde ficará para ser despachada no dia seguinte. Este banho frio tira o calor do animal e endurece e branqueia a carne. Assim preparados, são os marrecos acondicionados em caixas ou barricas limpas, com gelo se a viagem for longa e o tempo quente.

As penas constituem um subproduto de valor apreciável.



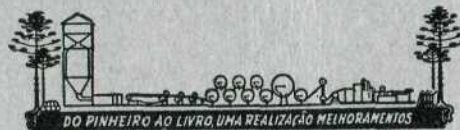
Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

9/V-2

Obras do mesmo autor, nas Edições Melhoramentos:

ALIMENTAÇÃO DAS AVES
ANIMAIS NA FAZENDA BRASILEIRA
MELHORAMENTO DOS REBANHOS

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 2375



SÉRIE ABC DO LAVRADOR PRÁTICO

Uma coleção de livros populares, destinada a propagar os conhecimentos e as práticas agrícolas, constituiu-se em autêntico catecismo da vida rural brasileira.

- 1 — **O EUCALIPTO** — Mansueto E. Koscinski
- 2 — **VAMOS PLANTAR A SOJA** — José Calil
- 3 — **O PEQUENO POMAR DOMÉSTICO** — Sílvio Moreira
- 4 — **O PINHEIRO BRASILEIRO** — Mansueto E. Koscinski
- 5 — **CEBOLA E ALHO** — Shisuto José Muraiana
- 6 — **ENRIQUEÇA COM UM COQUEIRAL** — Pimentel Gomes
- 7 — **O MILHO HÍBRIDO** — C. A. Krug e G. P. Viegas
- 8 — **O TOMATE** — Shisuto José Muraiana
- 9 — **IRRIGUE SEU SÍTIO** — Pimentel Gomes
- 10 — **PRIMEIROS PASSOS NA AVICULTURA** — José Reis
- 11 — **CRIAÇÃO DE PEIXES EM AQUÁRIOS** — Cirilo E. de Mafra Machado
- 12 — **CULTURA PRÁTICA DO TRIGO** — Carlos Gayer
- 13 — **DEFENDA-SE DAS COBRAS** — Ícaro Vital Brazil
- 14 — **CULTURA DA BATATINHA** — Olavo José Boock
- 15 — **PRODUTOS DA CANA** — Amaury H. da Silveira
- 16 — **CULTURA DO MORANGUEIRO** — João S. Decker
- 17 — **CULTURA DA BANANEIRA** — Júlio Di Paravicini Tôres
- 18 — **COMO PREPARAR O COMPOSTO** — Sigmar Kaufmann
- 19 — **VAMOS PLANTAR ALGODÃO** — Trajano Monteiro
- 20 — **CULTURA DO MAMOEIRO** — João S. Decker
- 21 — **ÁRVORES FORRAGEIRAS** — Pimentel Gomes
- 22 — **CRIAÇÃO PRÁTICA DE MARRECS** — A. Di Paravicini Tôres
- 23 — **CENOURA, ESPARGO E RABANETE** — Leocádio de Souza Camargo
- 24 — **CULTURA PRÁTICA DA VIDEIRA** — J. de Almeida Santos Neto
- 25 — **ADUBE SEU SÍTIO** — Pimentel Gomes
- 26 — **CULTURA DE OLIVEIRA NO BRASIL** — Shisuto José Muraiana



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

N.º 2375